Rodrigo Magalhães

Cinerama Peruana

QUETZAL série língua comum

Harry Heels, ensaísta popular

The fact that so many pieces of information still exist proves that among the carefree grasshoppers there were a few careful ants.

Hans Richter
(*dada art and anti-art*, 1964)

O gesto inicial de Montaigne gerou vasta descendência, como se sabe.

De tão vasta e heteróclita prole, um dos nomes que menos se destaca é o de Harry Heels, mancuniano da safra de 1940. Filho de John Heel, diácono e bibliotecário em Levenshulme, nascido em Gorton no ano de 1916, filho de um sapateiro dessa povoação e de uma lavadeira de Longsight, e casado aos 24 anos com Rebecca Hall, daí em diante conhecida como Sra. Hall Heel.

Entregaram o seu primeiro filho à voracidade pública num dia enevoado de Novembro de 1940, mas o diácono foi tomado pelo horror ante o fruto do seu comportamento lascivo e deu para adopção aquele que viria a ser o seu único filho, atirando a responsabilidade para os braços de outros, através dos conhecimentos que lhe dispensava o sacerdócio.

Por essa falta, o seu deus acertou contas com ele.

Foi na biblioteca, a 30 de Julho de 1943. Atingiu-o na cabeça um grande vaso que um administrador achara por bem colocar na estante por trás da sua secretária. Quando estava só, John tinha a tentação de se espreguiçar, um gesto que por pudor só se permitia uma vez por dia. Impusera-se

esse cilício da única espreguiçadela diária, mas o calor amolecia-lhe a fé e tornava-o indolente, como ele dizia na catequese acerca dos negros, falando às crianças de Gorton, advertindo-as para o terrível pecado da preguiça, fazendo-o com verdadeira convicção, mas sem nunca lhes lembrar, apesar de tantas lições ter dado nessa paróquia, que era vítima de um pecado semelhante àquele de que dominicalmente acusava os africanos.

Bocejou com vigor e começou a erguer os braços de forma tímida. Esticou-os com languidez, prolongando o bocejo.

Nesse momento, as pernas traseiras do seu banco, gastas pelo muito tempo que John passava sentado, escorregaram numa zona do soalho que durante a limpeza matinal fora esfregada com maior vigor do que o habitual e que depois de almoço — quando os ditos factos se deram — permanecia ainda algo húmida.

O acidente apanhou a espreguiçadela numa sorte de momento descendente. Os dedos entrelaçados do diácono tinham atingido o zénite da preguiça e preparavam-se para a descida.

Assustou-se com o brusco movimento para diante do seu banco.

As suas mãos procuraram o amparo da estante, mas não encontraram senão o rebordo do naperão colocado sob o vaso, uma tentativa para salvar-se que outro efeito não teve senão fazer o vaso precipitar-se sobre a sua cabeça, o que aconteceu já depois de ter chegado ao chão, onde primeiro bateu com a nuca, fracturando de imediato o occipital e partes do parietal.

No vaso crescia o que teria sido um esplêndido *philodendron,* que o administrador insistira em plantar ele próprio após mandar vir a semente do Brasil por posta aérea. Tinha achado a planta bela ao vê-la num catálogo, sabendo de antemão e de fonte segura que a mesma não se daria naquele

clima, trazendo-a então por capricho e plantando-a, num segundo e ainda mais terrível capricho, por trás da secretária do diácono John Heel, no qual poderia depois pousar a culpa que o assolaria por a planta não ter medrado, insinuando talvez que o outro não a teria regado como era próprio, mas não se imaginando capaz de o punir com tão temível morte por tão magra ofensa, o crânio esmagado pelo pesado vaso que continha o amarelecido e raquítico *philodendron* e os poucos quilos de terra que o mantinham.

John só foi encontrado na manhã seguinte.

Todos tinham partido do princípio de que o diácono se ausentara por razões de força maior, devidas ao seu sacerdócio. Não era incomum que isso acontecesse. Depois, quando questionados pelas autoridades, nenhum se lembrou de notar que o intrigasse o desaparecimento da planta, como se ninguém tivesse dado por isso.

Sob o vaso, na escuridão que antecedia a morte, o deus de John Heel reclamou o que lhe era devido.

A Sra. Hall Heel, ao saber da morte do marido, recolheu por completo à espécie de simplicidade em que a prostrara a notícia da morte do filho — mais outra falta para o diácono, que mentira à mulher acerca do destino da criança — e da qual, apesar de tudo, parecia estar agora a recuperar. Este novo choque foi demasiado para a sua frágil constituição.

Acomodou-se num aturdimento de tal ordem que já ninguém esperava que dele despertasse. No entanto, numa madrugada de Outubro do mesmo ano, saltou de roupão vestido pela janela do seu quarto, num segundo andar, não morrendo da queda mas do posterior atropelamento por um camião. Interrogado pela polícia, o condutor confirmou que passava por aquela rua todos os dias à mesma hora, para ir ao mercado abastecer-se de hortaliça. Tinha uma mercearia

— Morrissey and daughter — e revendia. Sabia que a rua não era iluminada e negou conhecer Rebecca Hall Heel. Jurou que não tinha reparado no corpo tombado no meio da rua. Bem via agora que o roupão era cor-de-rosa. Jurou de novo, desta vez pela saúde da filha e pela alma da defunta esposa, que a guardasse em paz o Altíssimo!

Em tribunal, o juiz não demorou a deliberar a favor do réu, não sem antes dar a sua opinião sobre aquilo que provocara tão lamentável acidente.

A perda do esposo, aliada à morte durante o parto daquele que teria sido o seu primeiro filho, contribuíram para que esta jovem alma — e aqui o honorável falava como católico —, sem semente ou descendência que a nutrissem, nua e só perante o olho de Deus, sabendo-se obrigada à viuvez e inclinada à tentação, preferiu tomar a sua própria vida e haver-se de imediato com o Senhor. Que culpa tem o pobre merceeiro que esta pecadora se tenha colocado no seu caminho?

Por uma falta se foi o diácono e por nenhuma a sua esposa. É misteriosa, a contabilidade dos deuses.

Nesses dias, vivendo por ironia apenas três ruas abaixo da biblioteca, Harry, dois anos e 303 dias, não conhecia ainda qualquer deus, apenas a besta bifronte que usava os rostos de David Mullan, canalizador, e da ajudante de capelista Paula Mullan, seus pais adoptivos.

David lidara mal com a notícia da sua infertilidade. Reservara a sua vergonha sob um mutismo de índole primitiva e observava Harry com uma desconfiança que tempo algum prometia transformar em candura.

Paula também não aceitara com resignação o veredicto médico e dele apelara, não ao céu, mas à sua tia, parteira em Gorton.

A tia Vera — uma cinquentona miudinha que adorava dançar e beber cerveja, como certa vez ouvira dizer na rádio

acerca dos pigmeus Mbuti de Angola, ela e Reg na sala a escutar a telefonia, a rirem-se muito e a macaquear aquilo que achavam ser uma dança própria dos Mbuti, bêbedos os dois e deleitando-se no seu recém-descoberto parentesco com tão insólito ramo da família — apiedou-se do desespero da sobrinha, embora não tivesse ela própria qualquer filho e não lhes compreendesse a utilidade, e prometeu manter-se vigilante e empenhar-se em levar a cabo aquilo que a ciência médica declarara improvável.

Quis a sorte que lhe chegasse aos ouvidos a história do filho do diácono.

Procedeu de modo a apoderar-se da criança. Entregou-a em mãos a Paula, moradora no n.º 13 de Emley Street. Chorou, não de forma copiosa mas com recato, sentada no sofá com Harry nos braços, não se atrevendo sequer a interrogar a tia acerca das origens do pequenito, a quem decidiu chamar Matthew, prometendo amá-lo e acarinhá-lo como se fosse seu ainda antes de a tia Vera se empertigar e, de um pulo, pôr-se de pé. Começava a aborrecer-se com a expressão beatífica da sobrinha. Despediu-se dela com um beijo na face e não fez gesto algum para a criança. Na rua esperava-a Reg, a quem os Mullan aborreciam. À saída despediu-se de David, com um aperto de mão. Ele fechou então a porta e voltou para o seu lugar no sofá, ao lado da mulher e do filho, onde continuou em silêncio.

Paula Mullan, que superara a desilusão com a esterilidade do marido através da igreja e por via disso se tornara devota de São Raimundo Nonato, padroeiro das parturientes e das parteiras, nem por isso foi capaz de se manter fiel à promessa que fizera e em nenhum dos gestos de Matthew encontrava razões para se ver reflectida, como se cada um deles se destinasse apenas a acentuar a sua origem desconhecida. Passou então a olhá-lo com desconfiança e a tratá-lo de forma áspera.

Harry cresceu assim entre estranhos, entre a passividade bovina de David e as fúrias de harpia de Paula, nenhum tendo a decência de o informar das razões por mor das quais lhe cabia tão rigoroso tratamento.

A 15 de Agosto de 1947, a independência da Índia veio abalar a rotina dos Mullan.

Em segredo, Paula entretivera durante os dois últimos anos uma fantasia acerca do extremo oriental do império, um devaneio que culminava com a sua mudança definitiva para Bombaim, onde viveria o resto dos seus dias, envelhecendo e extinguindo-se para lá do mar de Omã, longe longe de Emley Street, da Norton Haberdashery e dos humores do patrão, do silêncio e geral falta de asseio do marido e, em particular, da alienígena criança que lhe trouxera a tia. A declaração de independência destroçou-lhe a fantasia. Não partilhou a sua decepção com David, certa de que não a compreenderia — ao saber a notícia, de pé ao fundo do balcão do Blue Bell Inn a beber uma cerveja, David limitou-se a observar os que o rodeavam, não pensando nada em particular acerca da Índia e da sua independência —, e, sem coragem para qualquer acto mais drástico, a Sra. Mullan entregou-se ao vício da bebida.

Matthew entrou para a escola um mês depois.

Em Fevereiro do ano seguinte, a escola proporcionou-lhe a primeira ida à biblioteca Levenshulme. Tornou-se assíduo. Vamos aí encontrá-lo, dez anos mais tarde, a ler o *Sredni Vashtar*.

Não se parece ao pai ou à mãe e nem sequer no vestir se aproxima dos Mullan.

Emprega-o um alfaiate de Cromwell Grove. Trabalha muito, mas sai cedo. Passa o final do dia na biblioteca, a ler. Depois volta para casa.

Por vezes, passeia com raparigas que conhece na biblioteca.

Distrai-se com brincadeiras cruéis, como uma criança aborrecida.

Observa com ávida curiosidade a degradação de Paula, sentada no sofá a resfolegar quando ele chega a casa.

Pela sua parte, a madrasta não lhe presta qualquer atenção, o que Matthew agradece.

No entanto, de cada vez que David entra na sala, para ir em silêncio sentar-se em frente à televisão, ela começa a rosnar-lhe as suas queixas, a lamuriar-se, o lábio borrachão pendendo-lhe sobre o queixo, o copo na ponta dos dedos, como que prestes a cair.

Matthew observa-os, sentado à mesa da cozinha a jantar, fingindo ler o jornal.

David nunca responde, mas Matthew acredita que isso bastaria para a calar.

Não que o incomode o ruído ou algo semelhante.

Tão-pouco lhe importa o desfecho da querela. Uma referência à sua adopção, caída lentamente da boca pastosa de Paula — as sílabas arrastando-se com esforço, impulsionadas pelo sangue envenenado da mulher —, matara-lhe a última réstia de inquietação e libertara-o da prisão de ser um Mullan. Livre! Chorou nessa noite, deitado na cama. Afinal, existia a libertação de toda a forma de prisões! Depois de chorar, ficou muito tempo acordado, sentindo-se exangue e feliz, fitando o tecto até este se dissolver diante dos seus olhos e revelar o céu estrelado, que o rapaz fixou até adormecer.

Depois disso começou a sentir apenas alguma curiosidade pelo momento de definição, pelo instante em que David se cansará de a ouvir e fará outra coisa que não levantar-se e sair, apagando a televisão. Espera que Paula supere, nem que por uma única vez, o seu pavor pelos actos drásticos. Mas nada acontece.

Não se distrai com o jornal — a visita do Aga Khan, a independência da Malásia, a eleição de Gladys Zender como Miss Universo, a morte do marquês de Ailsa e aquela do duque de Atholl — tampouco com o que lhe chega aos ouvidos da televisão, sempre ligada durante o espectáculo[1] — ignorando por igual o famigerado «embuste da árvore do esparguete» e a mensagem natalícia da rainha, a primeira a ser transmitida em directo na TV — e, entediando-se ele ou findando a representação do casal Mullan, pensa em Conradin e na prece que o rapaz faz à sua divindade, um furão. Faz uma coisa por mim, Sredni Vashtar! Apercebe-se afinal da razão que tanto o atrai para a história do rapaz e do seu deus. Também a ele lhe vaticinaram uma curta vida e o tiranizaram. Suportou-o com estoicismo. No final, ganhou a liberdade.

Ao contrário de Conradin, nenhuma força externa veio em seu auxílio.[2] A sua divindade, a identidade de Harry Heels, criara-a ele sozinho, Heels pela alcunha que lhe tinham posto na escola — tinha o tique de estar sempre a bater com o calcanhar no chão durante as aulas, impaciente — e Harry, por lhe achar uma certa graça masculina, e há muito que se apresentava como Harry Heels às raparigas com quem passeava.

Aborrece-o a ideia de voltar a estudar.

Quanto à nobre arte da alfaiataria, fica feliz que outros a exerçam e espera ainda tirar algum benefício das suas amizades no meio, mas lamenta muito. Não é profissão para ele.

---

[1] Num dos seus ensaios posteriores, escreveria sobre essa imagem, a sala de estar do casal inglês, sempre com a televisão ligada, como se se tratasse de um ensaio sobre uma performance de vanguarda.

[2] Escreverá, em 1963, um ensaio — intitulado «Conradin and I» — de pendor autobiográfico, sobre Sredni Vashtar, onde revela aos leitores o seu verdadeiro nome, Matthew Mullan, não sabendo que

Acena o seu adeus aos alfaiates de Cromwell Grove, à pilhéria da Villa Mullan e até às raparigas da biblioteca de Levenshulme, como um que parte com muita pressa.

Em Novembro desse ano, 1957, vamos encontrá-lo a trabalhar em Londres, no Mudlark.

Era ainda um dos poucos *pubs* da capital a ter televisão, sendo as bebidas aguadas e os perigosos jogos de dardos as únicas outras distracções que o local oferecia. O aparelho estava, gigantesco e trémulo, a um dos cantos da sala, suportado por tal parafernália que se diria o capitel de um templo. Estava desenhado como tal, pensou Harry, como um palco. Teve o desejo de um dia aparecer na televisão. Poderia então dirigir-se à nação inteira, vindo do nada para proclamar

— O meu nome é Harry Heels. Vim para reinar supremo sobre todos vós.

Por vezes, num comportamento excessivo que não lhe era característico, acrescentava-lhe essa famosa citação do «Ozymandias».[3]

Não o satisfazia, no entanto, o odor trágico que o enxerto exalava.

Tratou de se desfazer dele. E também a seu tempo se desfez da ilusão de algum dia aparecer na televisão.[4]

Era estimado pela clientela, admirado pela sua loquacidade e justo enchimento das canecas de cerveja. Dormia num quarto nas traseiras e pouco se aventurava para lá do

---

por vontade da sua mãe, Rebecca Hall Heel, se teria chamado Edmund Heel e teria sido diácono, como o pai.

[3] «Look on my works, ye Mighty, and despair!»

[4] Em «Dying», ensaio datado de 17 de Agosto de 1977, usa como epígrafe a citada frase de Shelley e escreve, entre outras coisas, acerca da morte de Elvis Presley e sobre a origem do número zero, sobre a alimentação do rei e a insipidez da rainha, a canção «God Save the Queen», os dentes de Johnny Rotten e, para fechar, sobre resignar-se com o facto de que jamais aparecerá na televisão.

seu quarteirão, como se ainda se encontrasse em Emley Street.

No dia 1 de Abril de 1957, o franco-argelino Alphonse Halimi alcançou o título de campeão do mundo de boxe, na categoria peso-galo. O seu oponente, o italiano Mario D'Agata, era então campeão do mundo. Era também surdo-mudo.

O combate teve lugar no Vélodrome d'Hiver em Paris e, dada a condição do detentor do título, a preparação do combate envolveu excepcionais precauções.

Como D'Agata não conseguia ouvir a campainha que assinalava o final dos assaltos, foi necessário instalar um sistema de luzes que lhe permitisse perceber que acabara o tempo. Quando o sinal soasse, as luzes acender-se-iam e o campeão saberia que o assalto terminara.

No dia do combate, rebentou uma tempestade sobre Paris.

Por altura do terceiro assalto, um relâmpago atingiu um dos focos que a organização decidira instalar e algumas fagulhas atingiram o *pugilatore*. O árbitro ordenou a suspensão do combate, mas após alguns momentos de incerteza — a equipa do italiano e os dois enfermeiros presentes no local afadigando-se em redor de D'Agata — tomou-se a decisão de retomar o combate. O campeão, à parte algumas queimaduras nas costas e no pescoço, parecia estar em condições de continuar. Dava o seu assentimento com vigorosos acenos de cabeça, como se o acidente não o tivesse afectado de todo.

No seu canto do ringue, golfando o ar com dificuldade, Halimi observava o adversário. Indiferente às incitações que

o público lhe gritava, pensava apenas na maneira de derrubar de vez o seu oponente.

Soou novamente o gongo.

D'Agata bateu-se com galhardia durante os doze assaltos que ainda faltavam, resistindo às investidas do francês. Tentou não se deixar encurralar, as costas em carne viva contra as cordas, mas apenas até Halimi compreender que aí se encontrava a chave do combate, atacando sem piedade até sair vitorioso.

Aos 25 anos, *la petite terreur* conquistava o seu primeiro título mundial.

Ao surdo-mudo Mario D'Agata foi-lhe negado pela segunda vez o direito de combater o mexicano Macias, campeão mundial unificado na categoria peso-galo. A primeira, quatro anos antes, quase o matara. Durante uma *tournée* na Austrália, o seu sócio baleara-o no peito. Sobrevivera e voltara a combater. Sendo as coisas como são, não lhe foi dada uma terceira oportunidade.

Enquanto isso, em Emley Street, Harry ficava sentado à mesa a observar os Mullan, sem imaginar que também chegaria a sua vez de subir a um ringue.

Quando Alphonse bateu Raul «Ratón» Macias em Los Angeles, a 6 de Novembro de 1957, tornando-se assim campeão mundial unificado, escreveu-se na *Time* que ele se valia, no ringue, da sua habilidade de lutador de rua para se agigantar perante o adversário, referindo a sua origem argelina e aparentando-o a outros *boxeurs* de semelhantes latitudes, Marcel Cerdan e Robert Cohen e Cherif Hamia. O artigo terminava com um panegírico do seu desempenho frente a Macias, num anfiteatro dominado pelos mexicanos, hostis e muito barulhentos. Mas também eles se calaram, *in silent acquiescence,* quando os juízes atribuíram o título ao pequeno Alphonse, último dos muitos filhos de um pobre inspector postal da cidade de Constantine.

O artigo não referia que Alphonse deixara a escola aos doze anos para ir empregar-se como aprendiz de alfaiate[5], nem tão-pouco a sua ascendência judaica.

Na alfaiataria do senhor Dianoux coseu nos calções vermelhos e verdes uma estrela de David e, encorajado pelo patrão, foi fazer-se pugilista.

Tornou-se campeão do mundo no Vél' d'Hiv, onde a Gestapo e a polícia francesa tinham detido, em Julho de 1942, mais de 13 000 judeus, depois transferidos para Drancy e daí, sobre carris, para Auschwitz, numa operação que ostenta a duvidosa fama de ser a primeira ocasião em que foram deportadas crianças judias.

No entanto, em Novembro de 1957, Harry estava entretido com uma novela de Henry James, um pequeno volume encadernado que roubara na biblioteca em Levenshulme, e de todo modo não lia a *Time*.

No ano de 1960, Halimi deslocou-se a Londres para combater com Freddie Gilroy pelo título de campeão europeu da categoria. O título mundial, esse perdera-o no ano anterior em L.A. para outro mexicano, Jose Becerra. Vingou-se em Gilroy.

No final do combate, proclamou que obtivera finalmente vingança para Joana d'Arc, uma declaração que Harry Heels, ao lê-la no jornal, achou despropositada.

A sua carreira no ringue, no início da qual foram frequentes as comparações com Halimi, fora rápida e dolorosa.

---

[5] Em «A Dedicated Follower of Fashion», ensaio de Abril de 1984, Heels refere-se, de forma breve, às coincidências que por instantes o aproximaram de Halimi. Alonga-se um pouco mais nas páginas que escreve sobre um outro alfaiate — Albrecht Ludwig Berblinger, nascido a 1770 na cidade de Ulm, inventor de uma máquina voadora com a qual se precipitou nas águas do Danúbio —, como se lhe agradassem mais as metáforas do que os acasos.

Passara-se assim:

Numa noite de terça-feira, dois clientes recusaram-se a sair após Mick ter soado a campainha pela terceira vez.

Não eram dos habituais, daqueles que enxameavam o balcão e a pouco e pouco iam desaparecendo, sumindo-se o último algum tempo depois de se ouvir soar a campainha — nessa noite fora Julian Huddlestone, um moço de entregas, ruivo e magricela, nascido com um ligeiro atraso mental, filho do merceeiro, um desses bêbedos foliões, que saíra naquela noite amparado por Teddy Rosen, o guarda-nocturno, sob uma chuva de aplausos dos outros convivas, e filho da calista, uma dessas bêbedas taciturnas.

Estavam sentados a um canto.

Mick entoou o lamento do *barman*. Fê-lo com a sua bela voz de barítono irlandês. Mas nem isso os comoveu. Permaneceram de costas voltadas para o balcão, a olhar para a televisão.

Harry, que até aí estivera ocupado com a contabilidade, rodeou o balcão e dirigiu-se-lhes.

— Senhores, é tardia a hora.

Passou entre as cadeiras dos dois homens e apagou a televisão. Virou-se então para encará-los.

Nunca vira por ali nenhum daqueles homens. Olhavam-no e gesticulavam entre si, como mudos.

Harry tocou no ombro do mais alto dos dois, instando-o a levantar-se. O homem ergueu-se de facto, empurrando a cadeira para o chão com modos bruscos. Encarou-o com raiva e ergueu os punhos, o corpo balançando para trás e para diante. Estava muito embriagado.

Mick pegou na moca que o patrão guardava debaixo do balcão e tentou aproximar-se com discrição.

O outro homem permanecia sentado, olhando de modo doce para o rapaz. O seu rosto tinha a máscara de beatitude

com que o álcool por vezes traja aqueles que se lhe submetem, uma máscara que Harry conhecia bem.

Quando o homem finalmente se decidiu a atacá-lo, já tinha tido tempo de calcular o que deveria fazer. Desviou-se do punho do outro, atingindo-o nas costelas e logo em seguida no peito, como vira certa vez fazer na televisão.

O homem caiu com estrondo. Seguiu-o o outro, deslizando cadeira abaixo, atingido na nuca pela moca que Mick brandia.

Puseram-nos na rua e fecharam a porta.

O patrão Dobbs, que observara tudo de uma distância segura, elogiou-lhe os dotes de pugilista. Admoestou o irlandês pelo uso de força excessiva e mandou-os para a cama.

Na noite seguinte, apresentou Harry a um homem de pele amarelecida e bigode manchado de tabaco, a quem chamava coronel Unsworth, organizador de combates amadores de boxe.

— O coronel — dizia o próprio — está sempre à procura de bons pugilistas. Venha um destes dias ao ginásio! Apresento-o aos rapazes!

Para Dobbs, foi como se o convite lhe fosse dirigido e deu-se a todas as diligências para que o seu rapaz, como passou a chamar-lhe, pudesse seguir tão nobre carreira. Chegou a levá-lo no seu automóvel até ao ginásio antes que o próprio rapaz, a princípio tão renitente, se enamorasse do local.

Passou a treinar todos os dias.

Um dos treinadores — havia vários, apesar de os treinos parecerem realizar-se de forma espontânea — disse-lhe que o seu estilo lhe recordava Halimi, um lutador que Harry não conhecia. Aliás, não conhecia nenhum e, de qualquer modo, a comparação era despropositada. Halimi partia directo ao adversário mal o gongo soava. Harry propunha-se esquivar-se aos golpes do oponente e atingi-lo *en passant*.

No único combate que se lhe regista de pouco lhe valeram os seus predicados, bem ou mal observados. Saiu de nariz partido e ânimo desfeito. O rudimentar *counter punching* que pensava praticar era apenas uma triste ilusão.

Regressou cabisbaixo ao balcão do Mudlark, às cantorias irlandesas de Mick e ao anonimato geral que essa vida lhe proporcionava, quando ainda há pouco se imaginara capaz de guindar-se a outro patamar de notoriedade.

Habituou-se a ver no espelho o septo nasal[6] ligeiramente desviado para a direita, o que lhe dava um certo ar de duro mas não o impedia de se sentir um pouco triste com a indiferença com que Dobbs agora o tratava, como se o tivesse desapontado por ir ao tapete com tamanho estrondo. Também a isso acabou por se habituar, convencido da inutilidade de tais laços.

Duas semanas depois do combate, o coronel Unsworth voltou a mostrar-se pelo *pub*. Melífluo, elogiou-lhe a aparência viril e convidou-o para almoçar no dia seguinte. Tinha um negócio em vista e talvez pudesse valer-se de um homem com as suas características. Não quis adiantar mais nada e acordaram encontrar-se no dia seguinte ao meio-dia, em Mayfair, onde Harry nunca estivera e onde, por prudência, chegou demasiado cedo.

Encostou-se a uma parede, dividindo a sua atenção entre o volume de ensaios de Joseph Addison e as movimentações dos transeuntes, esperando a chegada do coronel. Este chegou dez minutos atrasado, um comportamento que Harry

---

[6] Na recensão a uma tradução da novela *O Nariz,* Harry chama ao texto o seu próprio septo desviado, um despropósito que o editor a quem coube julgar da validade desse texto sentenciou como fatal para as suas *chances* de publicação; na margem da folha dactilografada que se encontrou entre os papéis de Heels subsiste a nota manuscrita desse editor, a esferográfica vermelha: «*Trop personnel!!!*»

achou estranho num homem com formação militar, acostumado à disciplina e à pontualidade.

Almoçaram a expensas de Unsworth, num restaurante muito acima das possibilidades do rapaz e onde os empregados tratavam o seu companheiro com deferência, como fariam a um cliente habitual.

O coronel começou a conversa louvando a discrição de Harry e a sua inteligência — com a qual verdadeiramente ainda não contactara, e a qual era portanto prematuro elogiar —, duas características que o homem muito apreciava. Seguiu-se um breve comentário ao Mudlark, nisso se englobando tudo aquilo que, na sua opinião, fazia com que trabalhar em semelhante local fosse mau emprego do tempo para alguém tão talentoso.

Harry, com soberba, não o contradisse.

Depois passou ao assunto que os levara ali, certo de que podia confiar na sua capacidade de guardar um segredo, ao que o rapaz assentiu. O coronel e os seus sócios, que deixou por nomear como se não houvesse necessidade de lhe contar tudo de uma vez, tinham o projecto de abrir um pequeno casino clandestino no East End e, a seu ver, ele seria a pessoa indicada para gerir o bar desse casino.

No entanto, era fundamental que soubesse manejar uma arma de fogo. Dele dependeria, em parte, a segurança do local. O coronel ofereceu-se para lhe dar um revólver e supervisionar ele próprio os seus progressos com o mesmo.

Harry concordou, sem saber quanto iria ganhar — certo de que seria muito mais do que aquilo que fazia — e não se sentindo à vontade com a ideia do revólver.[7] Mas acreditava estar destinado a coisas mais elevadas do que o pequeno

[7] Do posterior gosto de Heels pelos revólveres atesta o fragmento conhecido de um ensaio de 92, abandonado e jamais retomado.

estrado por trás do balcão do Mudlark. Quis apenas saber como se faria acerca das acomodações, visto que o quarto onde vivia se situava nas traseiras do *pub*. O coronel sossegou-o e assegurou-lhe que, se assim o desejasse, poderia garantir-lhe uma mudança rápida para outro quarto. Aceitou de imediato a oferta e apertaram as mãos.

Satisfeito, Unsworth acendeu um cigarro e mandou vir dois *brandies,* com os quais selariam o acordo.

Quando os copos ficaram vazios, mandou vir mais dois e inclinou-se para diante, como alguém prestes a confidenciar um segredo.

Harry não ficou muito contente por saber que o coronel ganhara uma bela soma com a sua derrota no ringue, e muito menos por saber que o homem nunca depositara fé alguma nas suas capacidades como pugilista. No entanto, o seu desagrado foi mitigado pela generosidade de Unsworth, que acreditava ser da mais elementar justiça que o rapaz também beneficiasse do dinheiro que lhe dera a ganhar, oferecendo-lhe, como compensação pelo brusco desvio do seu septo, uma visita a um bordel próximo. Harry, a quem a virgindade atormentava, concordou com entusiasmo.

Despediu-se sem pena do Mudlark e passou a frequentar outras companhias.

O dia de Todos os Santos sempre fora o favorito de Harry.

Não se sabendo possuidor de nenhum morto ao qual prestar os seus respeitos, tinha-o há muito como um dia de total liberdade e habituara-se a ocupá-lo de diversos modos ociosos.

Celebrara-o, em 60 e 61, oferecendo-se belos dias num bordel, como se fosse já o seu aniversário, que não chegaria

antes da semana seguinte e que comemoraria com novas e memoráveis idas a um dos muitos lupanares cujas portas lhe franqueava a sua proximidade com Unsworth, o qual na realidade não era coronel, uma impostura que o próprio confessara quase no final da festa do 21.º aniversário de Harry.

Estava sentado numa poltrona, a fumar.

Harry estava deitado sobre a cama desfeita, ainda nu. A rapariga acabara de sair, cambaleando e soprando beijos para o ar. Estivera a fodê-la durante duas horas enquanto o homem os observava. Estava cansado.

Da primeira vez, achara estranha a proposta do velho. Não lhe confessara o seu receio de que pretendesse juntar-se-lhes, por recear ofendê-lo, mas deu-lhe a entender com veemência que não estava interessado em qualquer contacto íntimo.

O outro tranquilizou-o. Pretendia apenas observar. Distraía-o ver homens nus, como a outros distrai uma ida ao cinema. Não alimentava quaisquer pretensões ao protagonismo.

Nesse caso, concluiu Harry, que assista à vontade. Não se sentiu por isso obrigado a nenhum tipo de decoro. A rapariga, uma ruiva de Londonderry, sabia dos gostos do velho e não levantou objecções.

Correu bem e tornou-se habitual que Unsworth acompanhasse Harry nas suas visitas.

Na dita noite, acompanhado pelo coronel e por alguns outros, visitou um pequeno bordel clandestino, o old pye hole — assim mesmo, com minúsculas. Levava debaixo de olho uma das raparigas, uma morena de tornozelos finos chamada Annabel, com a qual se divertira muito uma semana antes.

Após se terem saciado, a rapariga saiu e ficaram apenas os dois, o rapaz e o velho, como numa parábola.

O coronel disse-lhe que estava inquieto acerca do futuro.

— Não do futuro futuro, isto é, não do futuro em geral, mas do meu em particular.

Harry, que conhecia a cantiga, suspirou longamente e pôs-se de pé. Começou a vestir-se. Via-se-lhe a cicatriz no ombro. Envolvera-se numa rixa com um chulo maltês em Soho, mas a navalha não penetrara muito fundo. Um dos rapazes dos Kray[8], um vivaço chamado Fletcher, interrompeu a desordem e impediu-o de abater o chulo com o seu revólver. Tinha-o apontado à cara morena do outro, um tiro fácil. Reconheceu Fletcher e baixou a arma. Não havia necessidade de tornar as coisas piores. O maltês seria punido e ele reembolsado pela ofensa. Agradava-lhe a sensação de justiça que emanava deste modo de resolução do conflito. Devia

[8] No ensaio intitulado «On appearing and disappearing», discorre sobre o caso do francês Jean-Claude Romand, o qual, em 1993, sem razão aparente, matara os seus pais, a mulher e os dois filhos. O crime choca o país. Heels, que residia em França desde 1965, acompanha o caso através dos jornais. Descobriu-se que Romand, afinal, não era aquilo que sempre dissera ser. Dizia-se médico e investigador da OMS na área da arteriosclerose. Na realidade, nem sequer concluíra o curso de Medicina. Faltara a um exame de segundo ano, um facto que não revelou a ninguém, comportando-se como se tivesse passado e a vida decorresse como previsto. Considerado bom pai e um homem de confiança, os seus familiares depositavam-lhe nas mãos grandes somas, a pretexto de Jean-Claude as investir em fundos recomendados por gestores de bancos suíços com os quais se dava, enquanto vivia à custa do ordenado da mulher, do dinheiro que lhes rendera a venda de um apartamento e das somas que lhe entregavam para investir. Como contraponto, convoca o falecido Pablo Escobar, o antigo criminoso mais procurado do mundo, o aparente oposto de Romand. Aos gémeos Kray, senhores do submundo londrino durante a década de 60, dedica poucas linhas, referindo-se-lhes de passagem e apenas a título de exemplo, embora se saiba agora que seria através deles que descobriria o caminho para o exílio.

a sua presença neste ordenado sistema à confiança que Unsworth depositara nele e por isso lhe estava grato. Também fora o velho a adestrá-lo no manejo do revólver, pelo que lhe tinha afecto, embora fosse exagerado dizer-se que gostava dele. Lamentava, em voz alta, a prolixidade das queixas do velho, as divagações acerca da sua vida em Gurdaspur e da grande merda que fora a independência da Índia — um trauma ao qual Harry parece ter escapado ileso[9] —, do ar irrespirável de Londres, dos gémeos, embora, quando se queixava deles, baixasse o volume e olhasse em volta, como se pretendesse certificar-se de que ninguém os escutava, estivesse em Piccadilly ou em Westminster ou até no singelo old pye hole, da violência e do tempo, como um vulgar reformado, e tanto se queixava que Harry já se habituara a deixar de o ouvir.

— Se soubesse, teria deixado o uniforme onde o encontrei! — disse por fim Unsworth, aliviado como um que deixasse cair um fardo imenso. E sorriu, a pele manchada e os dentes amarelecidos. Harry não compreendeu de imediato o alívio do velho.

— Coronel, não estava a ouvi-lo. Importa-se de repetir?

— É o que tenho estado a contar-te, Heels!

— Estava distraído.

— Que se soubesse o que sei hoje, teria deixado o maldito uniforme onde o encontrei! Colou-se-me à pele![10]

---

[9] Na obra de Heels não abundam os traços orientais. No que concerne à Índia pode apontar-se uma referência a Ganesha num texto de 1973 sobre Casper, o fantasma amigável.

[10] No texto citado na nota 8 — «On appearing and disappearing», datado de 1995 —, esta exclamação é reproduzida *ipsis verbis,* embora não se faça qualquer menção ao coronel Leonard Unsworth e à sua impostura, cujos pormenores o autor desconhecia[10.1]. H.H. usa-a como um exemplo para caricaturar aquilo a que chama «um

Unsworth pôs-se de pé. Jogou a beata para o chão com trémula raiva e saiu. Harry, já totalmente vestido, seguiu-o enquanto matutava no que acabara de ouvir.

Manteve-se em silêncio enquanto descia as escadas, ignorando as tentativas do rapaz para que lhe explicasse o que queria dizer com aquilo que dissera. Ainda teria de passar mais uma semana até que tivesse coragem de levar o assunto a Lennon, que estava com o velho há mais de dez anos. Quando lhe perguntou se Unsworth não era coronel, o outro assentiu em silêncio, sem se dignar deitar-lhe uma palavra acerca daquilo que mais o interessava no caso, ou seja, a forma como tudo sucedera, e perdeu-se essa história que muito teria gostado de saber. Por pudor, não voltou a interrogar o velho. Mas passou a tratá-lo apenas por Mr Unsworth,

---

desvio malsão» entre *persona* social e pessoa, como se dos seus anos em Londres não sobrassem senão exemplos a observar no futuro.

10.1 Por ironia Heels esteve, sem o saber, em condições de se familiarizar com os detalhes dessa história, mas deixou que a ocasião se lhe escapasse por entre os dedos, esses mesmos dedos que ao percorrerem de forma ociosa as estantes da afamada Shakespeare & Company, sem rumo definido nessa deambulação, se detiveram na fina lombada de um volume intitulado *As fire is covered by smoke*, uma memória da Índia da autoria de uma Gloria Hardwicke, um nome desconhecido para H.H. mas sob o qual se ocultava a diáfana mão da viúva de Leonard Unsworth, regressada ao seu apelido de solteira para efeitos de autoria desse curto exercício autobiográfico, género que trazia Heels muito interessado mas cujo apelo depressa se desvaneceu, ou melhor se restringiu a uma ou outra obra dita de referência, restando-lhe vários livros adquiridos e nunca lidos e que trocou, em lote, por um exemplar em mau estado dos dois volumes da tradução de Eugéne Onegin da autoria de Vladimir Nabokov, de cujo primeiro volume se perdeu o paradeiro. Do livro de Gloria Hardwicke e das revelações que este continha sobre o infame caso do coronel Unsworth, não conheceu o nosso autor mais do que a epígrafe, o quadragésimo oitavo verso do décimo oitavo capítulo do Bhagavad-Gita, traduzido da seguinte forma: «Actions prescribed to one's nature must not be given up, o Arjuna, even if defective; since all endeavors are covered with defects as fire is covered by smoke.»

dando-lhe assim a perceber que conhecia o seu segredo, agindo como se isso lhe assegurasse poder sobre o outro. O velho ignorou a provocação e manteve-o ao seu lado, por lhe ser útil um aliado tão habilidoso e porque estimava o rapaz.

O episódio no old pye hole — o coronel desnudando-se daquela forma — não cessou de o intrigar e a seu tempo abandonou a pose cruel, devolvendo as suas relações com Unsworth à antiga cordialidade.

Em 1962, apaixonou-se.

Ela chamava-se Rebecca Powell e era filha única de um tipógrafo viúvo e Harry encontrou-a numa ocasião em que se vira em precisão de selos. A rapariga trabalhava ao balcão na tabacaria onde entrou, algures em Chiswick. Não se conhece o teor da conversa que possam ter tido, mas sabe-se que Heels voltou ao local no dia seguinte, à hora de almoço. Estacionou o automóvel à porta da tabacaria e Rebecca saiu, fechando à chave a porta da tabacaria e entrando no carro. Alguns dos vizinhos acharam estranho que a tabacaria estivesse fechada toda a tarde. Mais tarde, quando se tornou comum que o estabelecimento encerrasse nos momentos mais improváveis, passaram a cochichar sobre a balconista e os seus misteriosos desaparecimentos.

No 1.º de Novembro desse ano, Rebecca convidou-o a acompanhá-los, a ela e ao pai, na sua visita anual à campa da mãe, uma novidade que ele não rejeitou.

Em Maio do ano seguinte, separaram-se de comum acordo.

Durante esse tempo, nem por uma vez Rebecca entrou no n.º 39 de Ratcliffe Highway.

Contara-lhe Harry que apenas lá entrara uma mulher. Fora um dos gémeos que a levara. Ron ou Reg? Rebecca não conseguia decidir entre um e outro. Acabou por esquecê-los. E tudo a seu tempo ainda teve tempo para se esquecer de Harry.